

## O EXÉRCITO FRANCÊS NO REINADO DE LUÍS XIV

*“É exclusivamente na minha pessoa que reside o poder soberano... é só de mim que os meus tribunais recebem a sua existência e a sua autoridade; a plenitude dessa autoridade, que eles exercem senão em meu nome, permanece sempre em mim, e o seu uso não pode ser voltado nunca contra mim; é a mim unicamente que pertence o poder legislativo sem dependência e sem partilha... a ordem pública inteira emana de mim, e os direitos e interesses da Nação, de que se ousa fazer um corpo separado do Monarca, estão necessariamente unidos com os meus e repousam unicamente em minhas mãos”.*<sup>16</sup>

Luís XIV, rei da França

No governo de Luís XIV, visto como paradigma do Absolutismo, a França tornou-se o estado hegemônico da Europa.

Luís XIV nasceu em 1638, em Saint-Germain-En-Laye, durante a Guerra dos Trinta Anos. Seu pai, Luís XIII, se envolveu nesse conflito visando, principalmente, acabar com a expansão dos soberanos da Casa dos Habsburgos, cujos domínios perigosamente cercavam a França.

Ao longo do seu reinado, Luís XIII teve como primeiro-ministro o Cardeal Richelieu, responsável por importantes reformas nas finanças, no exército e na legislação, que resultaram no fortalecimento do poder real.

Em 1643, com a morte de seu genitor, Luís XIV tornou-se rei. Em virtude de sua pouca idade, sua mãe, Ana da Áustria, tornou-se regente. Esta escolheu como conselheiro um outro cardeal, Mazarino, que governou a França até a maioridade do novo monarca.

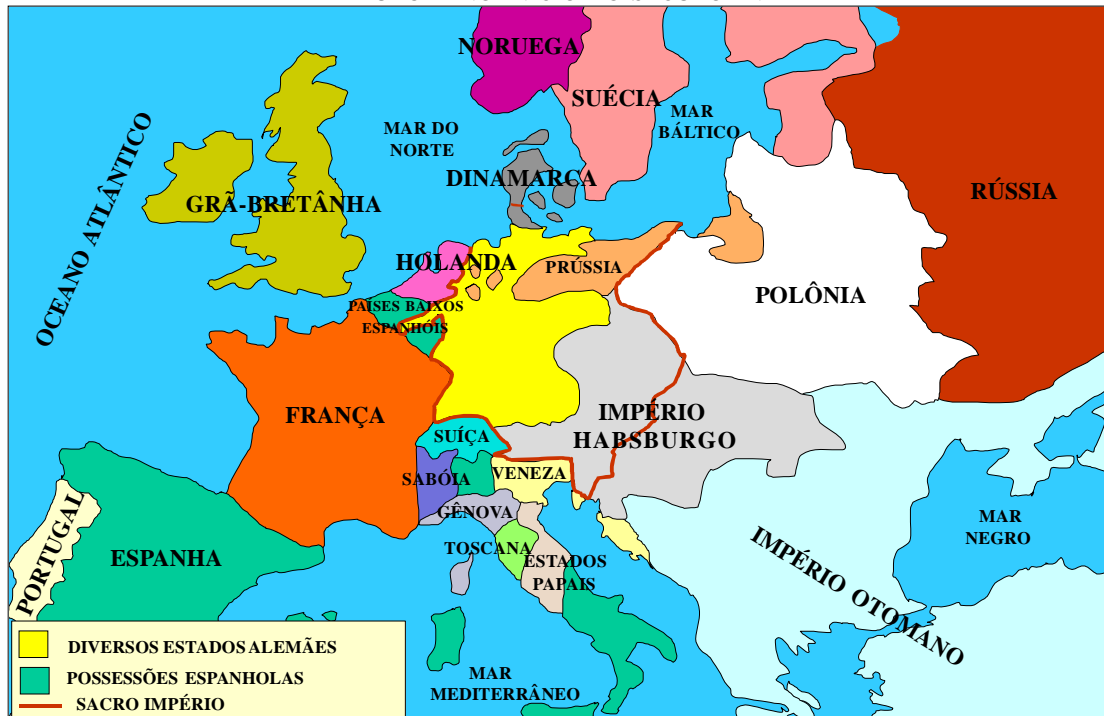
No governo de Mazarino, com a assinatura do Tratado de Westfália, em 1648, a Guerra dos Trinta Anos terminou. A França, posicionada no lado vencedor, emergiu como a principal potência do continente, recebendo dos soberanos Habsburgos, que foram derrotados, a Alsácia e outros territórios.

No plano interno, os pesados impostos cobrados da burguesia e da população mais pobre, para manter os esforços de guerra, levaram a revoltas urbanas e rurais (Fronças), que foram severamente reprimidas, resultando em um fortalecimento ainda maior do poder central.

---

<sup>16</sup> apud FREITAS, 1976, p. 22.

EUROPA NO INÍCIO DO SÉCULO XVIII



A regência de Ana terminou em 1651, mas somente em 1661, com a morte de Mazarino, Luís XIV passou a governar a França. Em sua administração, o monarca francês controlou o poder estatal, fomentou a agricultura e a indústria, estimulou a conquista de novos mercados e colônias, desenvolveu a marinha mercante e de guerra, e modernizou o exército. Tais medidas fortaleceram a economia e o poderio militar francês.

Na esfera internacional, Luís XIV pretendia, em um primeiro momento, conquistar territórios fronteiriços estratégicos para defesa da França, para, em seguida, expandir seus domínios até o rio Reno, considerado o limite natural de seu reino.

Logo no início de seu reinado, em 1659, Luís XIV firmou a Paz dos Pirineus com a Espanha, pondo fim a um conflito que há muito se alongava. Os termos da paz foram favoráveis à França, que recebeu da Espanha os territórios de Luxemburgo e do Rossilhão. Pelo acordo, a princesa espanhola Maria Tereza, possuidora de um rico dote, foi prometida a Luís XIV, para tornar-se sua esposa, o que ocorreu em 1660.

Algum tempo depois, em 1667, Luís XIV ordenou a invasão dos Países Baixos Espanhóis (atual Bélgica), alegando que estes fariam parte da herança deixada pelo rei espanhol Filipe IV a sua filha Maria Tereza. Os espanhóis reagiram à invasão, apoiados pelos ingleses, holandeses e suecos, que temiam a supremacia francesa na Europa. A luta se prolongou até 1668, terminando com a ocupação de parte dos Países Baixos Espanhóis por tropas francesas.

Em 1672, o rei francês voltou à ofensiva, ao ordenar um ataque à Holanda, tendo em vista colocar no governo deste país um líder favorável à França. Os holandeses

abriram os diques do mar do Norte, fazendo com que inundações detivessem o avanço das tropas francesas. A Espanha e o Sacro Império resolveram apoiar militarmente a Holanda, intensificando o conflito. Pelo Tratado de Nijmegen (1678-79) foi firmada a paz: Luís XIV não atingiu seu objetivo inicial, mas a França foi beneficiada pelas divisões territoriais acertadas.

A política de anexações territoriais de Luís XIV levou a Inglaterra, a Holanda, o Sacro Império e a Espanha a se unirem em uma guerra contra a França. O conflito, denominado Guerra dos Nove Anos, se prolongou de 1688 até 1697, terminando com a vitória dos aliados. A França viu-se obrigada a restituir vários dos territórios recentemente conquistados.

A última e mais sangrenta guerra travada por Luís XIV foi a da Sucessão Espanhola, ocorrida entre 1702 e 1714. Devido à morte de Carlos II, rei da Espanha, o trono espanhol coube a Filipe V, que era neto e herdeiro de Luís XIV. A união entre a França e a Espanha representaria um grande perigo para a manutenção do equilíbrio europeu. Para evitar tal unificação, o Sacro Império, a Inglaterra, a Holanda e Portugal formaram uma coligação contra a França e a Espanha.

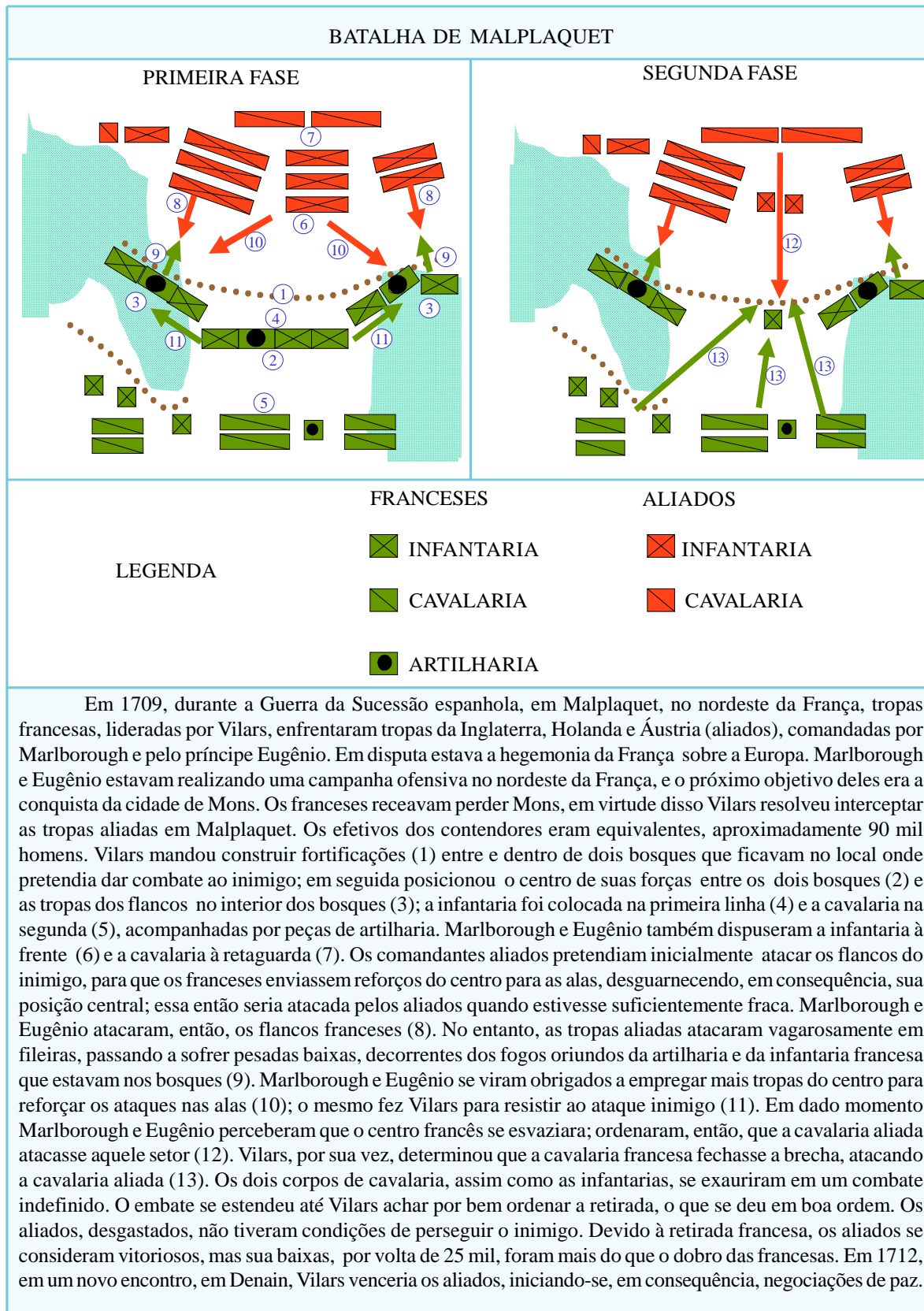
Inicialmente, nos anos de 1702 e 1703, os franceses obtiveram vitórias em batalhas travadas no Sacro Império. Entre 1704 e 1707, no entanto, os sucessos passaram para o lado dos países coligados, que venceram os franceses em diversos encontros. Nos anos de 1709 e 1712, os membros da liga chegaram a invadir a França, mas acabaram repelidos.

A falta de recursos da França e desacordos dentro da Liga levaram os beligerantes a acordos de paz. Pelos tratados de Utrecht (1713), de Rastatt e de Baden (1714), Filipe V foi reconhecido rei da Espanha, mas teve de renunciar ao trono francês; a Espanha perdeu Gibraltar e Minorca para a Inglaterra; a França cedeu a Acádia e a Terra Nova (colônias localizadas na América do Norte) para a Inglaterra e aceitou o controle do Sacro Império sobre os Países Baixos Espanhóis, o Ducado de Milão e o Reino de Nápoles.

Durante o reinado de Luís XIV, o Exército Francês foi modernizado, passando a ser constituído por unidades permanentes e regulares, que tinham uniformes, armamentos, adestramento e hierarquia

#### O ABSOLUTISMO

O absolutismo foi o regime político preponderante na Europa durante a Idade Moderna. Era respaldado pela teoria de que os reis eram colocados no poder por Deus, devendo somente a Este justificar-se. Desse modo, os monarcas teriam o direito divino de dirigir seus estados de forma absoluta, concentrando os poderes de legislar, aplicar a justiça, dirigir exércitos, entre muitos outros, sem a ingerência de qualquer pessoa ou órgão. O absolutismo monárquico, na maioria dos casos, foi mais uma pretensão dos monarcas do que uma realidade, já que os soberanos encontravam resistências por parte de diversos segmentos da sociedade, principalmente da nobreza.



padronizados. Em tempo de guerra, os franceses chegaram a contar com um efetivo de cerca de trezentos mil homens, todos pagos, supridos, equipados e alojados pelo estado.

A infantaria foi dividida em regimentos, formados por batalhões, que por sua vez eram divididos em companhias. Dentre estas, havia uma de granadeiros, integrada por homens selecionados que, além de seu armamento, portavam granadas destinadas a desalojar o inimigo de fortificações.

A cavalaria era formada por unidades de couraceiros (cavalarianos pesados, equipados com couraças, aptos para realizar cargas sobre as formações inimigas), hussardos (cavalarianos leves, não usavam armaduras, apropriados para reconhecimentos e perseguições) e dragões (soldados capazes de combater a pé ou a cavalo, pois usavam armas de fogo e brancas).<sup>17</sup>

No final do século XVII, os franceses criaram a Artilharia Real, composta por cerca de cinco mil homens, grupados em regimentos, destinados exclusivamente aos serviços de artilharia. Antes disso, os canhões eram fornecidos por civis e operados por infantas. Nessa época, a artilharia possuía canhões capazes de disparar projéteis maciços até uma distância de quatrocentos metros.

A disciplina e o treinamento das tropas eram rigorosos. Para manter a disciplina era normal recorrer-se a castigos físicos, impostos por tribunais criados para julgar os delitos dos soldados. Cada soldado era instruído arduamente, a fim de que realizasse com perfeição e rapidez os movimentos individuais e coletivos que deveria executar nos campos de batalha.

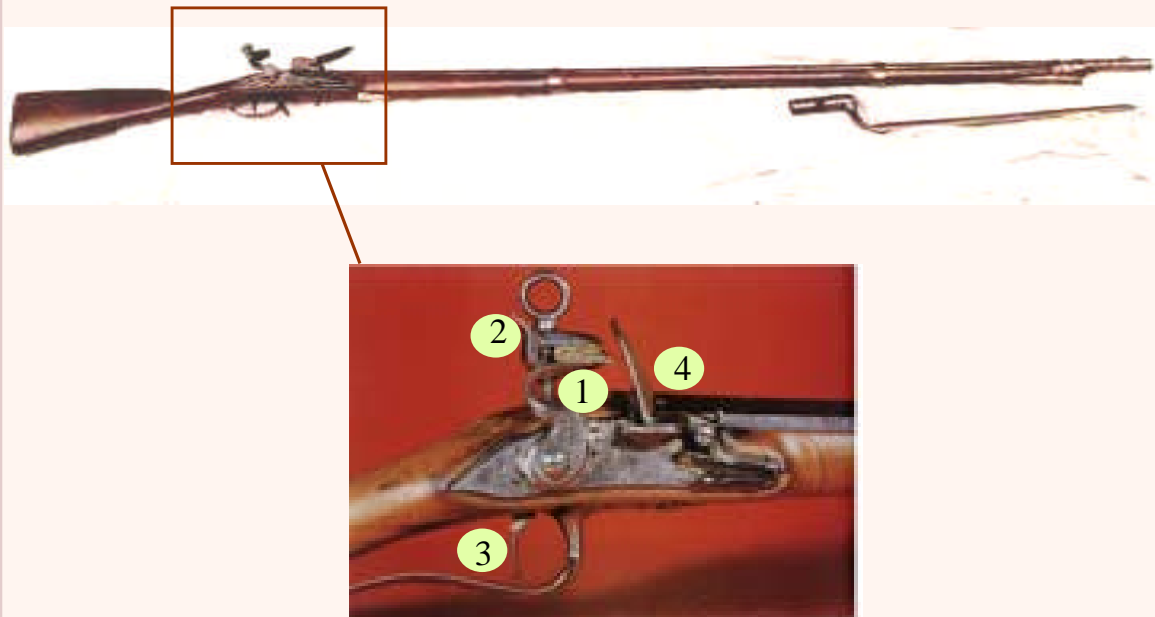
Procurando diminuir a importância das tropas mercenárias, Luís XIV procurou recrutar em seu próprio reino os componentes de seus regimentos. Para isso foi criado o sistema de “alistamentos voluntários”, através do qual os futuros soldados se incorporavam voluntariamente ao exército. Muitas pessoas, em virtude de sua condição paupérrima, ou, por vezes, ludibriadas a respeito das reais condições de serviço, aceitavam preencher as fileiras. A maioria desses soldados, servindo junto por longo tempo, adquiria um forte espírito de corpo, passando a enfrentar as agruras das campanhas predominantemente pela honra pessoal e do seu regimento.

Foram criadas também as milícias, constituídas por homens recrutados nas comunas, vilas e aldeias, que deveriam realizar a defesa de sua província. Em certas ocasiões, quando os conflitos se prolongavam, recorria-se aos milicianos para se completar as tropas regulares. Os milicianos treinavam normalmente nos finais de semana e feriados, grupados em companhias de cerca de cinquenta homens.

Hospitais de campanha e serviços de ambulância foram criados para atender ao exército, embora o tratamento médico fosse pouco eficaz. Este consistia em cauterizar os ferimentos com óleo fervente e amputar membros destroçados. Além disso, o descuido em relação a aspectos sanitários levava à morte milhares de soldados, acometidos por doenças como tifo e disenteria.

<sup>17</sup>As nomenclaturas, as missões e os armamentos das diferentes especialidades de cavalaria variaram conforme o país ou época. Por exemplo, Gustavo Adolfo empregava dragões e não hussardos para reconhecimentos e perseguições, e, na Polônia, hussardos, no século XVII, eram cavalarianos pesados e não leves.

## O FUZIL E A BAIONETA



Na segunda metade do século XVII, ocorreu o advento das armas de fogo de pederneira e da baioneta.

As armas de fogo de pederneira eram disparadas da seguinte forma: uma pedra de pederneira (1) era colocada em um cão (2); o acionamento do gatilho (3) liberava o cão que conduzia a pedra de pederneira de encontro a uma parte metálica do armamento denominada “fuzil” (4). O choque da pedra de pederneira com o “fuzil” produzia faíscas que atingiam a escorva, o que detonava a carga principal, deflagrando o disparo. Com o passar do tempo, a arma de fogo de cano longo utilizada pelos infantess passou a ser chamada fuzil,<sup>18</sup> em alusão à parte metálica do armamento na qual a pederneira se chocava.

O fuzil de pederneira era mais leve do que o mosquete antes utilizado. Era capaz de disparar um projétil esférico a uma distância de duzentos metros, embora este só causasse danos sérios até um alcance de cerca de cinquenta metros.

A baioneta surgiu em Bayonne, na França. Consistia de um pequeno sabre que era acoplado ao fuzil. As primeiras baionetas, de madeira reforçada por ferro, eram colocadas na “boca” do fuzil, tendo, em consequência, a inconveniência de impedir o disparo enquanto estivessem conectadas à arma de fogo. O militar francês Sébastien Le Prestre, marquês de Vauban, resolveu este problema ao criar a baioneta de alvado, que era acoplada ao cano sem impedir o tiro.

A adoção do fuzil com baioneta tornou os piqueiros desnecessários, pois os soldados que portavam os fuzis (fuzileiros) passaram a contar com um armamento que oferecia ao mesmo tempo poder de fogo e choque.

O fuzil de pederneira era mais facilmente recarregado do que as armas de fogo anteriores, possibilitando aos soldados realizar de dois a três disparos por minuto. Em consequência, houve a redução do número de soldados nas filas, de seis para três, o que acarretou, por sua vez, um prolongamento das formações lineares e um maior volume de fogos nos campos de batalha. As longas formações lineares, todavia, tinham os inconvenientes da pouca mobilidade e flexibilidade, além da grande vulnerabilidade a ataques pelos flancos, devido à pouca profundidade.

18. O termo foi adotado na França (“fusil”) e, por influência desta, no Brasil. Nos Estados Unidos, o mesmo armamento é chamado de rifle.

Luís XIV mandou construir dezenas de fortalezas estratégicas ao longo das fronteiras francesas, que, além da finalidade defensiva, serviam como postos de suprimento e alojamento de tropas.

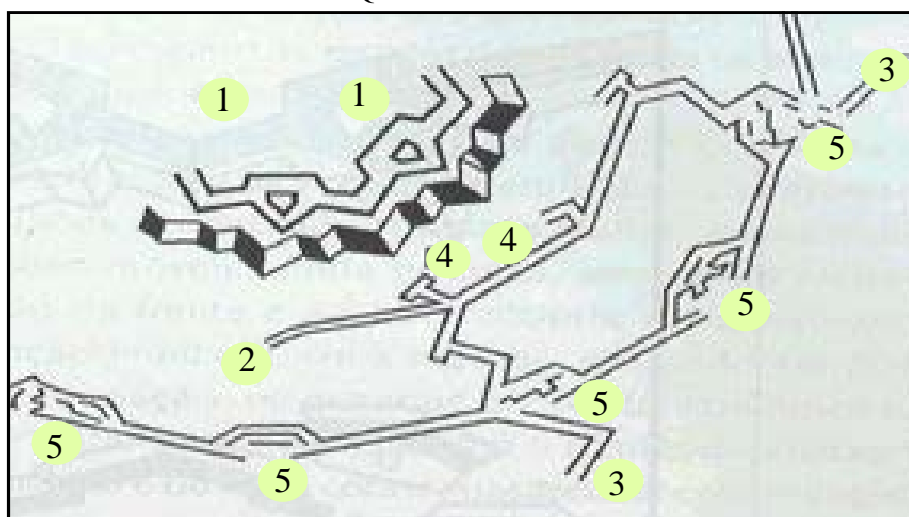
O maior especialista do período na construção e assédio de fortalezas foi o marquês de Vauban. Suas fortificações eram construídas com uma série de valas, paredes baixas, trincheiras e bastiões que as tornava muito resistentes às investidas inimigas.

Vauban comandou também muitos sítios, desenvolvendo engenhosos sistemas de aproche, que proporcionavam a conquista das fortificações inimigas com um mínimo de perdas.

CIDADE DE ELVAS, FORTIFICADA DE ACORDO COM O SISTEMA DE VAUBAN

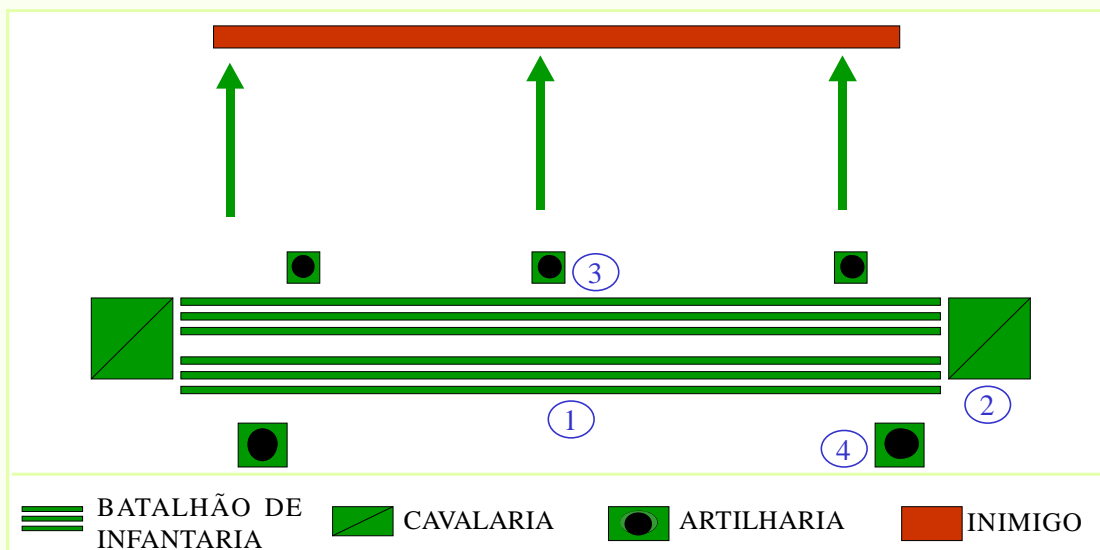


ESQUEMA DE APROCHE



- LEGENDA:
- 1 - FORTALEZA
  - 2 - PARALELA
  - 3 - ENTRADA DE PARALELA
  - 4 - TRINCHEIRA AVANÇADA
  - 5 - POSIÇÃO DAS BATERIAS DE ARTILHARIA

### FORMA DE EMPREGO USUAL DO EXÉRCITO FRANCÊS



Nas batalhas campais, a infantaria era disposta no centro do dispositivo em duas ou três linhas de batalhões, dentro dos quais os soldados se posicionavam em três fileiras (1). A cavalaria era colocada nos flancos (2). A artilharia era instalada à frente da primeira linha (3) para apoiar diretamente os batalhões, ou em outros locais de onde pudesse apoiar a manobra geral do exército (4). Após os fogos iniciais da artilharia, a infantaria avançava sobre o inimigo. Os fuzileiros, ao progredirem, disparavam, a comando, saraivadas de tiros, para que seus fogos tivessem maior impacto sobre o inimigo. O combate corpo-a-corpo que se seguia, a golpes de baioneta, muitas vezes decidia o embate. A cavalaria procurava atacar pelos flancos, apoiando o ataque da infantaria.

No tempo de Luís XIV, os exércitos em campanha tinham pouca liberdade de manobra, pois eram obrigados a seguir morosamente por péssimas rotas que passavam pelos postos de suprimento localizados nas fortificações (distanciados normalmente a três dias de marcha). Sendo assim, os embates eram travados objetivando-se principalmente a defesa ou a conquista de praças fortificadas.

As guerras de movimento eram raras, e as poucas batalhas campais que ocorriam não eram normalmente decisivas, pois a maioria dos generais não dava prosseguimento às operações, por temerem distanciar-se dos seus postos de abastecimento. Entretanto, alguns comandantes, como Condé, Turenne, Villars, Marlborough e o príncipe Eugênio, ousaram realizar operações de longo alcance e batalhas decisivas, conseguindo grandes êxitos.

Luís XIV faleceu em 1715 sem conseguir estender as fronteiras francesas até o rio Reno. No final do seu reinado, gastos excessivos com a corte e as constantes guerras haviam arruinado a economia e as finanças, iniciando um processo que poria fim ao absolutismo na França. Antes disso, porém, destacar-se-iam na França, uma série de pensadores militares, e na Prússia, o Exército de Frederico II.